

o projeto do  
renascimento



ELISA BYINGTON

arte.

JORGE zahar EDITOR



## ***O projeto do renascimento: uma contribuição aos estudos da tradição clássica***

**Fernanda Marinho**

Reflexão em torno do livro *O Projeto do Renascimento*, de Elisa Byington da coletânea Arte+, dirigida por Glória Ferreira e publicada por Jorge Zahar Editor, salientando sua importância no cenário bibliográfico nacional, ainda carente de produções dedicadas aos estudos das tradições clássicas.

Renascimento, *O Projeto do Renascimento*, tradição clássica.

Dentre títulos voltados para a arte moderna e contemporânea, discussões conceituais e historiográficas e transformações midiáticas e linguísticas da arte, *O Projeto do Renascimento*, de Elisa Byington, se destaca primeiramente pela temática clássica. O caráter ensaístico da coletânea cumpre a proposta de divulgar importantes temas relativos à arte a um público ainda carente de bibliografia em português que dê conta dos questionamentos intelectuais desse meio.

O Renascimento, período histórico artístico que marcou o início da chamada era moderna, é adequadamente abordado nessa edição com base em suas mais atuais discussões junto à história da arte. Em função de seu formato *pocket*, entretanto, não se aprofunda nas questões levantadas, mas procura traçar um panorama geral daquilo que se compreende desse período, servindo, assim, como fonte fundamental para o desenvolvimento de pesquisas na área.

A autora propõe a divisão da obra em 13 tópicos, e inclui referências, fontes e sugestões de leitura. Tal organização constitui um dos destaques do livro, uma vez que não repete os exaustivos esquemas cronológicos, mas prioriza os pontos de reflexão suscitados pela arte renascentista. O primeiro tópico – Das teorias da composição pictórica à história da arte – apresenta o conceito de Renascimento, sua origem provinda do termo *Rinascita* em relação à postura otimista de superação das trevas da Idade Média. O segundo – Luz e trevas – aborda a transição desses períodos a partir principalmente das figuras de Francesco Petrarca, tido como um vislumbrador da retomada dos padrões clássicos; Giovanni Boccaccio, que percebia o desenvolvimento de uma aperfeiçoada capacidade mimética, aproximando cada vez mais a obra do modelo natural; e Cennino Cennini, que já menciona Giotto como exemplo desse novo anunciado, sendo inventor daquilo que muitos teóricos renascentistas chamaram de moderno.

Nos três tópicos seguintes, Byington aborda questões relativas à imitação, à relação entre referente e referencial e às mudanças ocorridas no âmbito dessas reflexões ao longo do

Renascimento. Em *Imitar com invenção nova* apresenta a doutrina estética da primeira metade do Quatrocentos, compreendendo, via Masaccio, a ideia de imitação como a que está mais próxima da realidade, sendo caras, portanto, as noções de anatomia e perspectiva linear. Em *Espelho ideal* retoma primeiramente as origens da fundamentação mimética renascentista, mencionando Aristóteles como principal influência nessa interpretação da arte como espelho da natureza, ressaltando ser a fidelidade da imitação tão importante quanto a escolha adequada de seus modelos. Posteriormente demonstra suas respectivas repercussões durante o Renascimento por intermédio de Leon Battista Alberti e seus tratados artísticos que repetem extensamente as noções aristotélicas; de Lodovico Dolce que assegura ser dever da pintura não só retratar o natural como superá-lo, apresentando o questionamento intensamente visitado por artistas e teóricos renascentistas, como Pico della Mirandola e Pietro Bembo: fidelidade ou correção do modelo, imitação ou superação? E, por fim, em *Outras imitações*, insere tal discussão em exemplos específicos: as diferenças básicas entre a aplicação do modelo antigo como aspectos decorativos, como um exotismo típico, por exemplo, dos pintores de Ferrara, e como base de fundamentos estruturais, como proposto nos tratados de Alberti; as diferenças entre a atitude fetichista de Michelangelo ao produzir a escultura *Cupido adormecido* com tratamento de mármore envelhecido, intencionando enganar especialistas, e a postura indiferente de Leonardo da Vinci frente tal adoração ao modelo antigo; a ideia de beleza como resultado da aplicação racional de técnicas artísticas, típica do Quatrocentos, em confronto com a noção de graça, que pretendia esconder a técnica, o artifício, mais característica do Quinhentos, quando o modelo artístico não se concentra mais na natureza e sim nas próprias obras de arte.

Nos dois tópicos seguintes o tema se desloca das formas miméticas de criação para a figura do criador. Em *A promoção social das artes e dos artistas* a autora analisa a progressiva diferenciação dos conceitos de artesão e artista, já introduzida na transição da Idade Média para o Renascimento, mas ainda presente entre os séculos XV e XVI em consonância com a relação do processo produtivo do artista e a sua qualificação intelectual. *O Homem universal* complementa o tópico anterior através da figura de Alberti, exemplificado como artista intelectual interessado pelas três artes, pintura, escultura e arquitetura, muito diverso da ideia de artesão medieval preocupado apenas com a execução da obra. Alberti assume nesse livro destacada importância: em *O quadro* como janela a autora apresenta considerações desse teórico a respeito da arte da pintura; em *As três artes do desenho*: o papel da arquitetura aborda as noções arquitetônicas introduzidas por Vitruvius e resgatadas por Alberti durante o Renascimento.

O paradigma Leonardo da Vinci prepara o campo de discussão de *A questão da disputa entre as artes*. *A Adoração dos Magos*, pintura do mestre florentino, é apresentada como “caderno de anotações”, em que rascunhava formas posteriormente desenvolvidas em outras produções, demonstrando assim a importância que o artista dava à prática pictórica e à superioridade que acreditava ter o desenho em relação à poesia, como consequência da superioridade da visão em detrimento dos demais sentidos. Tal disputa entre as artes apresenta-se desde a Antiguidade recebendo o nome de *paragone*.

Os três últimos tópicos do livro abordam o período conhecido por Alto Renascimento, que já sentia as mudanças político-religiosas que incitariam futuramente a Contrarreforma. Michelangelo foi um dos maiores exemplos do modo como essas mudanças afetariam a religiosidade e por consequência as reflexões e produções artísticas de seu meio. Em *As vidas vasarianas* Byington apresenta o cenário de produção e repercussão da publicação de *Vidas*, obra célebre de Giorgio Vasari que ali reúne quase 200 biografias de artistas do início do século XIV até o século XVI, sendo por isso considerado um dos pais da história da arte. Em *A maneira moderna* podemos melhor compreender o esquema vasariano dividindo as biografias em três idades diferentes, alusivas às idades do homem, da infância à maturidade: a primeira corresponde ao início do Renascimento representado principalmente pela figura de Giotto; a segunda, por Masaccio, Brunelleschi, Ghiberti, Donatello e Botticelli como artistas importantes no aprimoramento da perspectiva histórica; e a terceira, e denominada por Vasari a era moderna e representada por grandes nomes do Renascimento italiano, como Michelangelo, Rafael e Leonardo, entre outros. No último tópico *O artista divinizado*, interessante desfecho, a autora apresenta os rumos do período histórico posterior; não entretanto por suas respectivas características essenciais, mas pela maneira com que essas épocas reagiram à convivência com as obras de Michelangelo. A começar pela atitude de Daniele da Volterra de primeiramente cobrir o *Juízo Final* e depois executar modificações sobre as pinturas originais do mestre, demonstra toda a censura típica das resoluções do Concílio de Trento postuladas no mesmo ano do falecimento de Michelangelo.

A breve leitura de *O Projeto do Renascimento* suscita fácil absorção de seus conteúdos, introduzindo de forma sucinta, porém não problemática, importantes conceitos básicos relativos à temática proposta. Pelo fato de as curtas páginas não comportarem o extenso conteúdo próprio dos universos de pesquisa associados ao mundo do Renascimento, sua proposta de fornecer material para futuras curiosidades torna-o importante leitura para os interessados no assunto. Cabe, dessa maneira, ao próprio leitor continuar a buscar respostas para as curiosidades aqui levantadas, a começar por uma: seria o Renascimento um período tão marcadamente otimista em função da superação das formas antigas e a elevação às trevas medievais? Não devemos considerar as descobertas dos novos limites do homem – sejam geográficos, devidos às grandes navegações, ou naturais, decorrentes dos estudos anatômicos – fonte de crescentes angústias e pessimismos?

**Fernanda Marinho** (Rio de Janeiro, Brasil) é doutoranda em história da arte pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (bolsista CNPq) e professora substituta do Instituto de Artes da UERJ; vem desenvolvendo desde sua graduação pesquisas referentes à tradição clássica. Atualmente ocupa-se do léxico conceitual e iconográfico do Antirrenascimento proposto por Eugenio Battisti. / [fernandamarinhoc@yahoo.com.br](mailto:fernandamarinhoc@yahoo.com.br)